

A Estação Paleolítica da Baía Farta (ANGOLA)

POR

Carlos M. N. Ervedosa

Finalista da Licenciatura em Ciências Geológicas (F. C. U. P.)

Este estudo, que recai sobre uma pequena colecção de utensílios paleolíticos oferecida pelo Sr. Prof. Doutor GASPAR SOARES DE CARVALHO ao museu do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa» da Universidade do Porto, resultou da actividade que iniciámos nesse Instituto no ano lectivo de 1965-1966, como aluno da cadeira de Antropologia Geral regida pelo Sr. Prof. Doutor JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS JÚNIOR.

Nessa altura, à guisa de intróito, escrevêramos no nosso «trabalho especial» de Antropologia:

É indubitável que a Geologia é uma ciência necessária ao estudo da Arqueologia pré-histórica, quer para definir ou descrever os estratos geológicos em que se depositaram os restos humanos do passado ou os produtos da sua actividade, quer ainda para a determinação cronológica da sua formação e consequente conhecimento da evolução cultural do Homem. Já H. BREUIL o afirmara: *La chronologie du Paléolithique antique et la succession de ses industries ne peut s'établir avec précision que par l'étude de la sequence des dépôts géologiques de la période quaternaire...* (1).

(1) BREUIL (H.) et LANTIER (R.) — *Les hommes de la pierre ancienne*, pág. 123, Paris, Payot, 1959, 2.^a ed., 335 págs. e 16 estampas.

E o nosso mestre, Sr. Prof. Doutor SANTOS JÚNIOR, igualmente o frisa na sua «Carta da Pré-História de Moçambique»: *Como pode realizar-se um trabalho completo e perfeito das estações líticas de Moçambique, que, na sua grande maioria, têm sido descobertas em terraços fluviais, sem o indispensável e basililar estudo da geologia?*

Será da colaboração estreita de arqueólogos e geólogos que há-de resultar o estudo conveniente e perfeito da Pré-História de Moçambique (1).

Através da estratigrafia, o arqueólogo, partindo da lei da sobreposição que estabelece que uma camada sedimentar, numa região não deformada, é mais recente do que aquela que recobre, pode determinar a ordem de sucessão e a idade relativa das jazidas arqueológicas que encerram. A génese dos terraços marinhos e fluviais, ligada às fases transgressivas e regressivas do mar, os terraços climáticos, lacustres ou fluviais, dependentes, nas regiões tropicais, das variações climáticas responsáveis por períodos pluviosos ou áridos, são ainda noções e conhecimentos que um arqueólogo não pode dispensar.

Mas se a Geologia é imprescindível à Arqueologia, esta, por sua vez, em muito pode auxiliar o geólogo no estudo das formações do Quaternário, pobres como são em bons fósseis estratigráficos. O aproveitamento dos utensílios do paleolítico como *fósseis directores* nas formações Quaternárias, aceite ou combatido pelos especialistas, tem sido motivo de larga polémica. *L'archéologue doit accepter les conclusions du géologue*, proclama H. MOVIUS (2). *Nous sommes d'accord*, replica F. BORDES, ... *si le*

(1) SANTOS JÚNIOR (J. R. DOS) — *Carta da pré-História de Moçambique*, pág. 651, in «XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, 4.ª Secção — Ciências Naturais», Tomo V, Porto, 1952, págs. 648 a 656 e 1 mapa.

(2) MOVIUS (H. L.) — *Old world Paleolithic Archaeology*, pág. 1447, in «Bulletin of the Geological Society of America», Vol. LX, n.º 9, 1949, págs. 1443 a 1456. (Apud F. Bordes, cit. nota 1, pág. 265)..

géologue a de bons arguments à offrir: arguments stratigraphiques irréfutables par exemple. Ce n'est malheureusement pas souvent le cas. Privé dans le Quaternaire de son guide habituel, le fossile directeur, ayant à considérer et à raccorder des lambeaux souvent isolés de couches, le géologue ne peut la plupart du temps émettre que des conclusions provisoires, sujettes à revision et à changements (1). Aliás, não será inédito um geólogo, na ausência de outros dados, encontrar num simples seixo de quartzo grosseiramente talhado pelo homem primitivo, o esclarecimento das dúvidas que o assaltam sobre a idade duma formação sedimentar em que esteja a trabalhar. Já em 1942 GEORGES ZBYSZEWSKI, distinto geólogo dos Serviços Geológicos de Portugal, escrevia numa obra sua: ... *Des éléments archéologiques nouvellement découverts, nous ont permis, en l'absence de fossiles, de dater un grand nombre de dépôts géologiques sur l'âge desquels nous gardions des doutes* (2).

Por isso, como estudante de geologia que somos, foi com o maior interesse que escolhemos para trabalho especial da cadeira de Antropologia o estudo de material paleolítico duma estação angolana, a qual, pelas poucas mas admiráveis peças chegadas às nossas mãos, se nos afigura um rico espólio legado pelo homem pré-histórico que as quentes e vermelhas areias do litoral angolano ocultaram durante milénios no seu seio.

Um ano decorrido, com algumas correcções ditadas por novos conhecimentos e uma maior experiência colhida no estudo dessa tão aliciante como complexa ciência que é a arqueologia

(1) BORDES (F.) — *A propos d'une vieille querelle: peut-on utiliser les silex taillés comme fossiles directeurs?* pág. 243, in «Bulletin de la Société Préhistorique Française», Tomo XLVII, Paris, 1950, págs. 242 a 245.

(2) ZBYSZEWSKI (G.) — *La classification du paléolithique ancien et la chronologie du Quaternaire de Portugal en 1942*, pág. 6, Porto, 1943, 113 págs., 36 figs., 1 mapa e 1 quadro.

pré-histórica, aparece finalmente em letra de forma esse trabalho inicial.

Na sua maior parte, as fontes de informação que estiveram na base deste estudo foram encontradas em autores de língua francesa, pelo que, na ausência duma nomenclatura portuguesa adoptada, apresentamos na língua de origem alguns termos técnicos utilizados, fugindo assim à tentação de os traduzir ou aporuguesar com todos os riscos de possíveis confusões.

Localização e Estratigrafia

Em 1956, durante os trabalhos de prospecção de águas subterrâneas pelos Serviços de Geologia e Minas de Angola, nos arredores da Baía Farta, modesta povoação piscatória situada a sul da cidade de Benguela, foi encontrada num terraço alto do litoral pelo Sr. Dr. MASCARENHAS NETO, competente e dedicado geólogo dos referidos Serviços e seu actual Subdirector, uma jazida de utensílios paleolíticos localizada a sul daquela povoação, da qual dista, em linha recta, seis quilómetros, e afastada três quilómetros da linha de costa (Fig. 2).

Neste terraço, cujo topo apresenta cotas que variam entre os 100 e os 150 metros, existe uma *mulola* (Fig. 1), rio seco que no tempo das chuvas se torna em linha de água afluente do Dungo. O vale cavado no terraço por essa *mulola* mostra quatro camadas sedimentares: as duas mais antigas consideradas pertencentes ao Miocénico; a inferior constituída por limito ⁽¹⁾, e a outra, conhecida por *formação do Sombreiro*, é constituída por arenitos siliciosos. Esta formação é por sua vez sobreposta por um

(1) Limito — termo usado pelo Sr. Prof. Doutor GASPARE DE CARVALHO como tradução de «siltstone». Areia muito fina com diâmetros cuja mediana apresenta valores entre 62 μ e 4 μ .

conglomerado marinho com fósseis de *Arca senilis L.*, atribuído à transgressão tirreniana. Sobre ele repousa um manto de areias vermelhas, de origem ainda desconhecida, com uma espessura orçando pelas duas dezenas de metros.

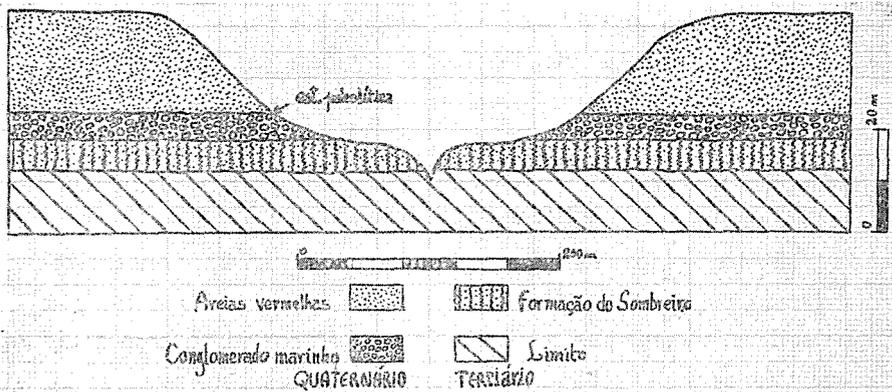


Fig. 1 — Corte geológico esquemático e local de afloramento dos utensílios.

Durante uma das suas últimas missões a Angola, o Sr. Prof. Doutor GASPAS DE CARVALHO teve ocasião de obter uma colecção de 19 peças colhidas na base daquele depósito arenoso, no contacto com o conglomerado subjacente, peças que foram entregues ao Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e são objecto do presente estudo.

Um corte geológico, esquemático, feito transversalmente no vale, e segundo indicações do Sr. Prof. Doutor GASPAS DE CARVALHO, indica a sucessão das camadas estratigráficas acima referidas, bem como a zona em que afloravam os utensílios (Fig. 1).

Geomorfologia

A área a que pertence a estação paleolítica foi estudada pelo Sr. Dr. MASCARENHAS NETO e pelo Sr. Prof. Doutor GASPAS

DE CARVALHO, encontrando-se os seus trabalhos publicados nos boletins dos Serviços de Geologia e Minas de Angola (1).

No seu estudo, «Alguns problemas dos terraços quaternários do litoral de Angola», inserto no boletim referido, o Sr. Prof. Doutor GASPARE DE CARVALHO expõe, no capítulo relativo à área que nos interessa, — terraços da região Ponta do Sombreiro-Cuio —, as suas hipóteses de trabalho sobre a génese das citadas formações. É a partir dele e da carta geomorfológica que nos foi amavelmente facultada pelo seu autor, Sr. Prof. Doutor GASPARE DE CARVALHO, que iremos, resumidamente, fornecer os dados que mais nos interessam neste estudo.

A carta geomorfológica que publicamos (Fig. 2), e onde assinalamos com uma cruz o local em que se encontra a estação paleolítica, mostra-nos a existência de terraços altos, com cotas que vão de 100 a 150 metros, terraços baixos com cotas de 20 a 25 metros, e depósitos do fim do quaternário, vasosos e arenosos, atingindo estas cotas com 8 e 10 metros.

Os depósitos dos terraços altos são constituídos por conglomerados marinhos que assentam sobre formações burdigalianas, repousando sobre elas areias vermelhas com espessuras oscilando entre os 10 e os 20 metros. Os terraços altos são atribuídos à transgressão tirreniana e os terraços baixos à transgressão ouljiana.

Os depósitos do fim do quaternário são constituídos por depósitos vasosos e por depósitos arenosos acumulados durante

(1) MASCARENHAS NETO (M.) — *As bacias sedimentares de Benguela e Moçâmedes*, in «Boletim dos Serviços de Geologia e Minas de Angola», n.º 3, Luanda, 1961, págs. 63 a 94, 4 mapas e 2 quadros.

— SOARES DE CARVALHO (G.) — *Alguns problemas dos terraços quaternários do litoral de Angola*, in «Boletim dos Serviços de Geologia e Minas de Angola», n.º 2, Luanda, 1960, págs. 5 a 16 e 2 mapas.

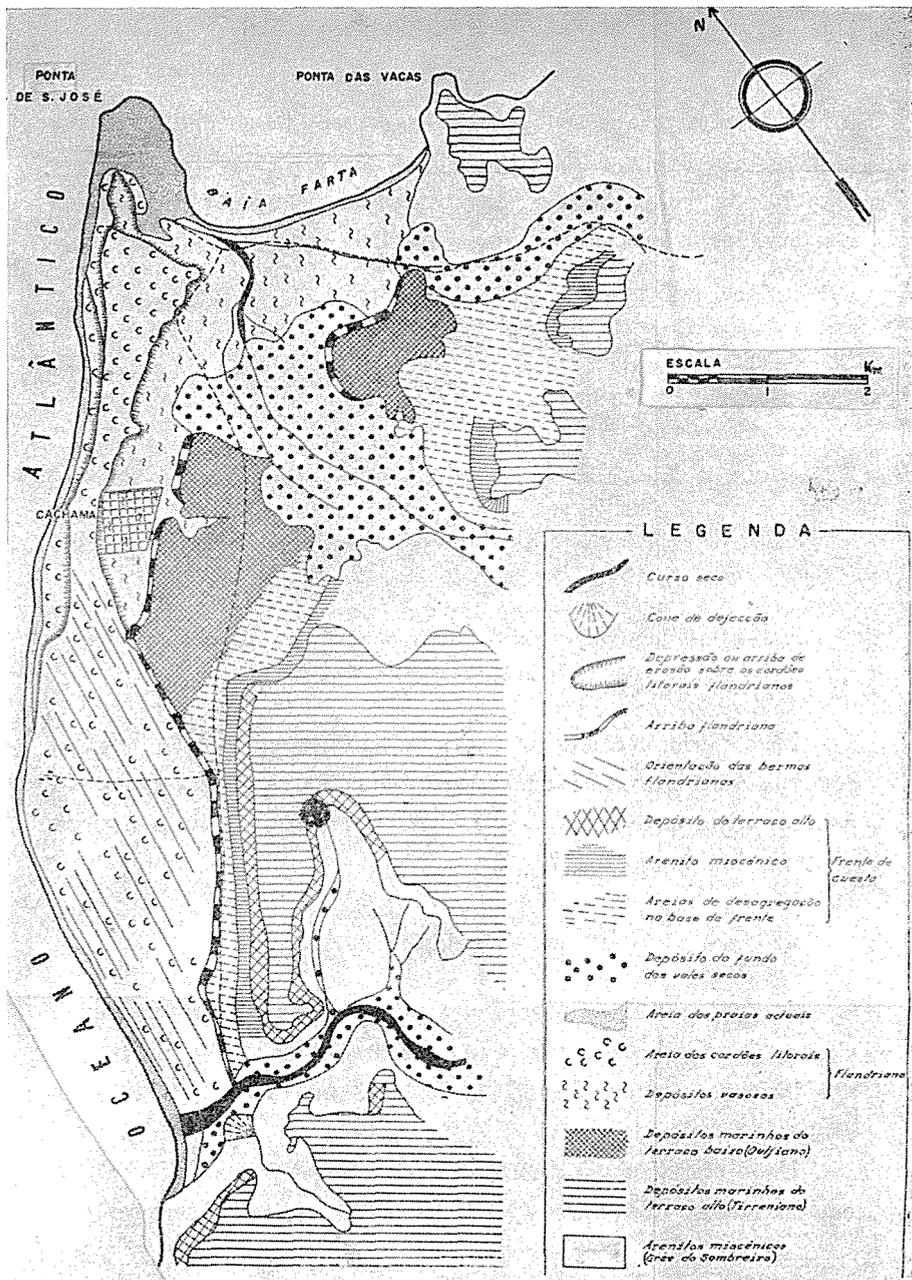


Fig. 2 — Carta geomorfológica da região da Baía Farta. Assinalada com uma cruz a estação paleolítica.

a fase regressiva que sucedeu à transgressão flandriana. Esta fase regressiva é evidenciada por cordões litorais cujo crescimento é reconhecido pelas bermas das praias sucessivas, perfeitamente conservadas, o que origina uma superfície arenosa ondulada.

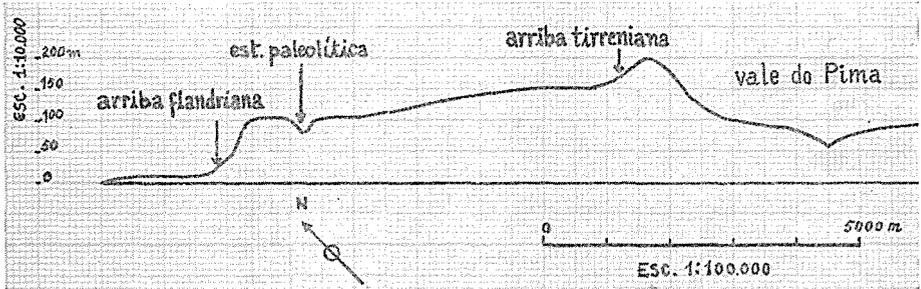


Fig. 3 — Perfil topográfico para mostrar a localização da estação entre as duas arribas, flandriana e tirreniana.

Num perfil, traçado na carta topográfica n.º 250 de Angola, segundo um corte sensivelmente perpendicular à costa e passando pela estação, procuramos evidenciar a posição de duas arribas quaternárias da região (Fig. 3).

Tipologia

A tipologia é a ciência que permite reconhecer, definir e classificar as diferentes variedades de utensílios que se encontram nas jazidas, escreveu FRANÇOIS BORDES num recente tratado de arqueologia (1).

Uma classificação funcional dos utensílios paleolíticos, no estado actual dos nossos conhecimentos, pecaria sempre por

(1) BORDES (F.) — *Typologie du Paléolithique ancien et moyen*, pág. 1, Publications de l'Institut de Préhistoire de l'Université de Bordeaux, Mem. 1, Bordeaux, 1961, Delmas, 85 págs. e 1 atlas de 108 estampas.

muito hipotético. As provas formais que possuímos do emprego certo de tal tipo de utensílio para tal trabalho bem definido são até agora raras, diz-nos JACQUES TIXIER (1). Na quase totalidade dos casos os raciocínios dedutivos a que seríamos sujeitos não ultrapassariam o estado de hipótese, mesmo tendo em conta as comparações etnográficas possíveis. Por outro lado, prossegue o

QUADRO I — *Tipos de utensílios e materiais utilizados*

	Quartzo	Sílex	Quartzito	Grés	Pórfiro	Total
Chopping-tools	1	—	—	—	—	1
Bifaces	3	1	—	—	2	6
Raspadores	1	2	1	1	1	6
Pontas	1	—	—	—	—	1
Lâminas	—	1	—	—	—	1
Lascas residuais	4	—	—	—	—	4
Total	10	4	1	1	3	19

conceituado autor, pretender caracterizar e definir um conjunto de utensílios provenientes duma camada arqueológica, num ponto geográfico dado, unicamente através das técnicas que presidiram à fabricação desses utensílios, é uma tentativa de antemão votada ao malogro. Só a tipologia descritiva, tendo em conta as técnicas, pode pretender a um estudo completo das variedades de utensílios, estudo que está na base de todas as tentativas que tenham por fim paralelizar ou opor as séries de peças recolhidas nas diversas camadas arqueológicas das estações pré-históricas.

As peças da nossa colecção foram por nós agrupadas em cinco classes tipológicas — chopping-tools, bifaces, raspadores,

(1) TIXIER (J.) — *Typologie de l'Épipaléolithique du Maghreb*, pág. 17, *Memoires du Centre de Recherches Anthropologiques, Préhistoriques et Ethnographiques*, Alger, 1963, Paris, 209 págs. e 61 figs.

pontas e lâminas —, designações convencionais pois qualquer destes utensílios deveria ter, certamente, usos múltiplos e variados (1).

Chopping-Tools

Assim definidos por H. L. MOVIUS: «São utensílios habitualmente talhados sobre calhaus rolados ou fragmentos mais ou menos tabulares de rochas siliciosas ou similares. São utensílios bifaces no sentido em que o gume foi trabalhado a partir das duas faces. Geralmente a aresta assim obtida é nitidamente sinuosa, por ter sido feita com retoque alterno, ou melhor dizendo, por intersecção de lascagens alternas» (2).

Figuras 4 e 5, *d*. Talhado num calhau rolado de quartzo leitoso, granuloso, com 9,1 cm de comprimento, 8,8 cm de largura e 5,2 cm de espessura. Estas medidas, tais como a de todos os utensílios que se seguem, referem-se a dimensões máximas.

Apresenta um amplo lascado na extremidade duma face e outros dois ascados mais pequenos na mesma extremidade da face oposta originando-se um pequeno bico a meio.

Bifaces

Diz-nos FRANÇOIS BORDES que «os bifaces são utensílios de variados tipos, geralmente talhados a partir de blocos de sílex, mas também a partir de grossas lascas de sílex, quartzito, grés, etc.

(1) PRADEL (L.) — *Du racloir au biface*, pág. 70, in *Bul. de la Soc. Préhist. Française*, Tomo LII, Paris, 1955, págs. 64 a 70 e 4 figs.

(2) MOVIUS (H. L.) — *The lower Paleolithic cultures of southern and Eastern Asia*, *Transactions of the Philosophical Society, New Series*, Vol. 38, § 4, 1948. (Apud F. Bordes, cit. nota 1, pág. 270).

Têm de característica comum serem talhados sobre as suas duas faces por retoque total ou pelo menos «envahissante», salvo nos casos dos bifaces parciais e dos machados sobre lascas...» (1).

Figuras 4 e 5, a, e 8. Talhado a partir duma grande lasca de quartzo leitoso, granuloso, de dimensões $16,0 \times 8,5 \times 4,0$ cm. Tem uma secção aproximadamente plano-convexa e as duas faces então alisadas por pequenas e numerosas lascagens. Os bordos são cortantes e quando vistos de perfil apresentam gumes bem regularizados sendo um deles definido por uma linha em S, típica dos bifaces provenientes de lascas. Uma das faces tem junto da base uma larga superfície do córtex original. O índice de espessura é relativamente pequeno. Com efeito, utilizando a fórmula de MAURICE BOURGON (2), encontramos um valor igual a 47:

$$I_e = \frac{\text{Espessura} \times 100}{\text{Largura}} = 47$$

Figuras 4 e 5, b, e 7. Talhado em quartzo róseo, de dimensões $6,2 \times 8,7 \times 5,6$ cm. É o maior e o mais robusto da colecção, com uma secção transversal losângica e um índice de espessura alto, igual a 64,3. Os bordos são cortantes e quando observados de perfil apresentam um gume definido por uma linha sinuosa.

Figuras 4 e 5, c, e 9. Talhado em sílex com dimensões $12,0 \times 6,7 \times 3,8$ cm. É de todos o mais grosseiro, com as faces marca-

(1) BORDES (F.) — *Typologie du Paléolithique ancien et moyen*, cit., pág. 49.

(2) BOURGON (M.) — *Les industries Moustériennes et Pré-Moustériennes du Périgord*, pág. 33, *Archive de l'Institut de Paléontologie Humaine*, Mem. 27, Paris, 1957. (Apud J. Tixier, cit. nota 1, pág. 279).

das pelo levantamento de grandes lascas, frestando a meio de ambas as faces superfícies cobertas pelo córtex esbranquiçado do bloco de origem. Os bordos, ainda que cortantes, apresentam um gume definido segundo uma linha extremamente sinuosa. O índice de espessura é relativamente alto, apresentando o valor de 56,7.

Figuras 4 e 5, e, e 10. Talhado a partir duma espessa lasca de pórfiro, com dimensões $13,5 \times 10,3 \times 5,4$ cm. A base, plano-côncava e oblíqua em relação ao eixo da peça, bem como duas porções marginais que a continuam para uma e outra face, são restos da superfície primitiva do bloco em que a peça foi talhada. A base e as duas referidas porções marginais têm uma pátina lustrosa de cor castanho-avermelhada que contrasta com a cor verde pálido do resto da peça. Visto de perfil este biface mostra uma face côncavo-convexa e outra convexa, com as superfícies talhadas por lascagens largas e planas. Os bordos são delgados e bem regularizados. O índice de espessura tem um valor igual a 52,4.

Figura 6, b, e 11. Talhado em pórfiro, com $7,8 \times 3,5 \times 1,4$ cm. Este é o biface mais perfeito, com as faces e os bordos bem reto-cados. Tem uma secção biconvexa e um índice de espessura igual a 40. Os bordos são delgados e os gumes quase rectilíneos.

Figura 6, c. Talhado a partir duma lasca de quartzo leitoso, com $7,3 \times 5,0 \times 1,8$ cm. Secção biconvexa e bordos delgados, com gumes definidos por uma linha sinuosa apertada. A base tem um dos extremos truncado.

Raspadores

FRANÇOIS BORDES chama *raspador* a um objecto feito sobre lasca ou lâmina, levallois ou não, com retoque contínuo, de pendor

suave ou abrupto, escamoso ou não, em um ou vários bordos, de maneira a obter-se um gume semi-cortante, direito, convexo ou côncavo, sem denticulações voluntárias marcadas (1). Parece-nos, contudo, que se poderá incluir nesta classificação as lascas de morfologia semelhante que fazem parte da nossa colecção, ainda que o seu retoque não seja contínuo, por desbaste irregular e grosseiro, o que apenas atesta uma técnica de retoque mais rudimentar no acabamento de utensílios com as mesmas funções.

Raspador triplo rectilíneo. Fig. 6, h. Talhado numa lasca de quartzito alaranjado de dimensões $8,7 \times 4,6 \times 1,7$ cm. A face dorsal, ou superior, possui três facetas alongadas, limitadas por arestas sensivelmente paralelas. Os três bordos são delgados, em bisel, com retoques irregulares, semi-abruptos. A face inferior possui um bolbo volumoso com uma linha de fractura. Possui um «talon» liso e convexo. O «talon» é a «parte do plano de percussão que foi destacada do núcleo pelo choque do percutor» (2). O ângulo de lascagem, formado pelo «talon» com a face de fractura ou lascagem, tem um valor de 106 graus.

Raspador duplo rectilíneo. Fig. 6, j. Talhado numa lasca de grés, medindo $8,8 \times 5,7 \times 2,0$ cm. O eixo de simetria da peça, da extremidade ao meio da base, é oblíquo em relação ao plano da base. Os bordos laterais são delgados e com retoques semi-abruptos, irregulares. O «talon» é liso, ligeiramente côncavo e faz com a face de lascagem um ângulo de 96 graus. A face dorsal tem três facetas e a face inferior apresenta a convexidade típica do bolbo de percussão.

(1) BORDES (F.) — *Typologie du Paléolithique ancien et moyen*, cit., pág. 25.

(2) Id. id., cit., pág. 5.

Raspador triplo convexo. Fig. 6, *i*. Talhado em pórfiro numa lasca de tipo «outrepassé», assim parcialmente definida por J. TIXIER: «*Se dit d'un éclat, d'une lame, d'une lamelle ou d'une recoupe de burin dont le plan de fracture, normal dans sa partie proximal, s'arque brusquement et emporte toute une partie du nucléus ou du produit de débitage d'où il a été tiré. Une face d'éclatement très concave et un épaississement de la partie distale sont donc les deux caractéristiques des pièces outrepassées...*» (1). Tem de dimensões $5,3 \times 5,2 \times 1,4$ cm. A face dorsal é multifacetada e convexa e a face oposta é lisa e um tanto côncava. Os bordos são retocados irregularmente e o «talon» é diedro.

Raspador convergente. Fig. 6, *e*. Talhado numa delgada lasca de sílex, medindo $5,9 \times 3,7 \times 0,90$ cm. A face dorsal apresenta duas facetas separadas por uma aresta que se estende da base à ponta da peça. Os bordos são delgados, convexos, com maior número de retoques no do lado direito. A face de lascagem apresenta um volumoso bolbo. O «talon» é liso e quase reduzido a um ponto, devido à pancada do percutor ter sido dada muito próximo do bordo do plano de percussão.

Raspador convergente. Fig. 6, *a*. Talhado numa lasca de quartzo leitoso, com $5,6 \times 4,7 \times 1,5$ cm. A face dorsal encontra-se retocada nos seus bordos que convergem para uma ponta em ogiva. A face de lascagem tem um pequeno bolbo e o «talon», embora plano, apresenta uma superfície irregular, com linhas de fractura. O ângulo de lascagem é de 90 graus. Classificámos esta peça como raspador, seguindo o critério de F. BORDES que nos ensina que não se deve designar como «ponta» quando o ângulo da extremidade é muito grande ou a peça é muito espessa, obtusa,

(1) TIXIER (J.) — *Typologie de l'Épipaléolithique du Maghreb*, cit., pág. 43.

arqueada, ou ainda quando apresentar um ressalto (1). Em todos estes casos trata-se dum raspador convergente, usando a terminologia de R. VAUFREY. A verdadeira «ponta» deve, pois, ter a extremidade distal delgada, com bordos rectilíneos e ângulo da extremidade acentuadamente agudo.

Raspador «déjeté». Fig. 6, g. Talhado em sílex, com $5,3 \times 4,0 \times 1,6$ cm. Um raspador «déjeté», diz-nos ainda F. BORDES, é um raspador convergente dum tipo especial: «o eixo de simetria da peça, indo da ponta ao meio da base, é oblíquo ou perpendicular ao eixo de percussão da lasca sobre a qual o utensílio foi feito» (2). A face dorsal tem três facetas alongadas e os dois bordos, com retoques irregulares, semi-abruptos, convergem para uma ponta truncada. O «talon» é espesso, plano e facetado. O ângulo de lascagem mede 88 graus. Na face de lascagem foi suprimido o bolbo de percussão, restando no seu lugar uma pequena concavidade que facilita a preensão do utensílio.

Ponta

Figura 6, f. Talhada em quartzo hialino, medindo $3,8 \times 3,3 \times 0,90$ cm. Ambas as faces foram hábilmente trabalhadas com retoques escamosos, escalariformes, suaves, do meio da peça para os bordos. Tem uma secção transversal triangular, sendo plana a face inferior. O «talon» foi quase suprimido por uma profunda lascagem conchoidal sobre a face dorsal, o que vem facilitar um possível encabamento da peça. A base tem as duas extremidades truncadas e a porção distal é delgada e pontiaguda.

(1) e (2) BORDES (F.) — *Notules de typologie Paléolithique*, pág. 338, in *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, Tomo LI, Paris, 1954, págs. 333 a 338 e 1 figura.

Lâmina

Figura 6, *d*. Lasca de sílex com 7,9 cm de comprimento por 3,7 cm de largura. Como o comprimento excede em mais de duas vezes a largura, esta peça, seguindo o critério de F. BORDES, pertence à categoria das «lâminas» (1). Lâmina esta que se poderá considerar ainda «outrepassé», conforme a definição atrás referida. A face dorsal desta lâmina tem três facetas alongadas, sendo as duas facetas laterais resultantes de lascagens e a do centro corresponde à superfície primitiva do calhau de sílex com pátina branca como é habitual nesta rocha. O «talon» é um diedro muito aberto, quase plano, muito estreito, contrastando com a extremidade distal onde reside a maior espessura da lâmina por conter uma porção da calote do núcleo. A face de lascagem torna-se côncava na porção distal e o bolbo de percussão apresenta-se abatido. O ângulo de lascagem mede 102 graus. Os dois bordos, delgados, não apresentam quaisquer retoques.

Técnica de Talhe

Chama-se talhe da pedra, aos diversos processos mecânicos de aplicação intencional da força sobre uma pedra, com o fim de se destacar dela fragmentos mais ou menos delgados e cortantes, seja para sua utilização, tal qual ou modificados, seja para dar ao bloco matriz ou núcleo de onde foram destacados, a forma desejada de um utensílio relativamente possante (2).

(1) BORDES (F). — *Principes d'une méthode d'étude des techniques de débitage et de la typologie du Paléolithique Ancien et Moyen*, pág. 21, in «L'Anthropologie», Tomo LIV, 1950, Paris, págs. 19 a 34 e 3 figs.

(2) BREUIL (H.) et ZBYSZEWSKI (G.) — *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la Géologie du Quaternaire*, pág. 43, in «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», Tomo XVIII, Vol. I, Lisboa, 1942, 309 págs. e 92 estampas.

Diz-nos JACQUES TIXIER (1) que o aspecto «arcaico» evidenciado por certos bifaces é muitas vezes devido às técnicas empregadas: pode-se talhar um biface (sobre «bigorna» ou com percutor manual de pedra) por meio do arranque de grandes lascas, sem se retocar os gumes sinuosos assim obtidos; pode-se retocar esses gumes com uma segunda série de lascagens, sempre por meio duma pedra; pode-se, finalmente, talhar um biface, com um bastão de madeira (de osso, corno, etc.). No primeiro caso, a peça obtida será espessa, tosca, com os ziguezagues bem marcados resultantes de lascagens alternas. No segundo caso, o biface será mais delicado, com os gumes em pequenos ziguezagues, ou mesmo sub-rectilíneos. No terceiro caso obter-se-á uma peça elegante, de secção biconvexa, ou quase plano-convexa, que só com o talhe à madeira se consegue, através de lascas longas, muitas vezes terminadas por um ressalto, com ondas de percussão originando uma minúscula e apertada ondulação.

De acordo com o que nos ensina TIXIER, observando atentamente a superfície e o perfil dos bifaces da colecção em estudo, admitimos ter sido utilizado, além do percutor de pedra, sobretudo o percutor de madeira. Com efeito, encontramos gumes sinuosos, mas na sua maioria sub-rectilíneos, tal como nos fala o conhecido mestre da arqueologia norte-africana.

As peças que classificámos como «raspadores» e «lâminas», usando uma terminologia que é mais habitual atribuir-se a utensílios de morfologia semelhante mas de retoque perfeito, regular e meticoloso sobre a face dorsal, que surgem com o *Mousteriense*, apresentam um retoque espaçado, irregular e semi-abrupto, sobre os bordos de ambas as faces. São obtidas de lascas destacadas

(1) TIXIER (J.) — *Les industries lithiques d'Ain Fritissa*, pág. 146, in «Bulletin d'Archéologie Marocaine», Rabat-Chellah, Tomo III, 1958-59, págs. 107 a 245, 33 est. e 38 figs.

de núcleos através da técnica *Levalloisense*. Uma lasca — lâmina ou ponta — *Levallois*, é uma «lasca de forma determinada por uma preparação especial do núcleo antes do arranque dessa lasca. Isso não pressupõe, de nenhum modo, o tipo do «talon» da lasca, que poderá ser liso, facetado, convexo ou diedro, conforme o plano de percussão do núcleo apresente um ou outro tipo» (1).

A «ponta», único exemplar deste tipo que faz parte da nossa colecção (Fig. 6, *f*), apresenta-se de tal modo retocada que julgamos poder classificá-la como uma «ponta» de tipo *Mousteriense*, segundo a definição de F. BORDES: «Peça triangular, ou por vezes quase losângica, mais ou menos alongada, com a extremidade distal pontiaguda, obtida por retoque a partir duma lasca de forma qualquer, *Levallois* ou não» (2).

Estado físico

A pátina que os utensílios do paleolítico possuem deve-se a uma alteração superficial, mais ou menos profunda, provocada por fenómenos complexos de ordem química, variáveis com o tipo das rochas, com o clima e natureza geológica do terreno. Duma forma geral, os utensílios da mesma natureza lítica, expostos nas mesmas condições aos agentes de alteração, são tanto mais patinados quanto mais antigos forem (3). A pátina é um elemento susceptível de prestar grandes serviços no caso de estações de superfície, onde indústrias de idades diversas, expostas ao ar, se encontram presentemente misturadas. A espessura da camada alterada pode, pois, ser um factor de cronologia, diz-nos H. ALIMEN, mas não deve ser utilizado senão com grande circunspecção.

(1) BORDES (F.) — *Typologie du Paléolithique ancien et moyen*, cit., pág. 14.

(2) BORDES (F.) — *Notules de typologie du Paléolithique*, cit., pág. 336.

(3) ALIMEN (H.) — *Atlas de Préhistoire*, pág. 59, Paris, 1965, 185 págs., 97 figs. e 20 estampas.

Quando se trata de jazidas enterradas, a pátina varia consideravelmente segundo a natureza geológica do terreno e deste modo nem sempre as peças mais gastas ou mais patinadas serão necessariamente as mais antigas. Uma observação atenta da sucessão geológica da jazida e especialmente a descoberta de algumas peças *in situ*, dão em geral a chave do problema, esclarece-nos ZBYSZEWSKI (1).

No caso dos utensílios em estudo, que afloravam à superfície mas que estiveram indubitavelmente soterrados durante longo tempo, todos se encontram no mais perfeito estado de conservação, com as suas arestas bem vivas, não denunciando qualquer sinal de uso ou desgaste quer pela acção do homem ou por agentes naturais. Todas as lascagens de talhe ou retoque são as de origem, sem sobreposições em diferentes épocas, como o atesta o mesmo grau de pátina que exibem.

Hipóteses e Conclusões

Pela pena autorizada de FRANÇOIS BORDES aprendemos que «se pode definir o início do *Acheulense* como o momento em que o talhe do biface com percutor de madeira ou osso aparece e se generaliza» (2). Mas o grau de perfeição atingido por certas peças deste tipo da nossa colecção, associado ao desenvolvimento da técnica *Levalloisense* e ao aparecimento de «pontas», leva-nos a considerar os utensílios desta jazida da Baía Farta pertencentes

(1) ZBYSZEWSKI (G.) — *La classification du Paléolithique ancien et la chronologie du Quaternaire de Portugal en 1942*, cit., pág. 12

(2) BORDES (F.) — *Stratigraphie du loess et évolution des industries paléolithiques dans l'ouest du bassin de Paris*, pág. 406, in «*L'Anthropologie*», Tomo LV, Paris, 1952, págs. 404 a 452 e 28 figs.

a um *Acheulense* evoluído, ou mesmo final, visto que «... a lasca *Levallois*, tal como a *ponta*, nasce no *Acheulense* evoluído, se não final, antes de se tornar uma peça característica do *Moustériense*...» (1). Já DESMOND CLARK chegara a igual conclusão no seu recente trabalho sobre o paleolítico angolano (2), baseado no estudo de numerosas peças da Baía Farta existentes no museu dos Serviços de Geologia e Minas de Angola.

Todas as peças pertencem, indubitavelmente, ao mesmo período e a presença dum «chopping-tool», típico do *Oldowaiense*, não pode ser tomado senão como a sobrevivência duma técnica primitiva.

A localização da jazida, assente sobre a camada que lhe forneceu a matéria-prima, o conglomerado marinho subjacente com calhaus de vários tipos de rochas, o facto de nenhum dos utensílios apresentar sinais de uso, tal como acontece com a maioria dos que pertencem à colecção dos Serviços de Geologia e Minas de Angola estudados por CLARK, e ainda a existência de numerosas lascas que são restos de fabricação, *déchets de taille*, como lhes chamam os autores franceses, sugere-nos que nos encontramos em presença duma oficina abandonada.

O estado físico das peças, sem marcas de abrasão de qualquer tipo, leva-nos também a supor que as areias vermelhas que as cobriram se depositaram segundo um processo rápido, ou relativamente calmo. Um estudo preciso sobre a origem e modo de deposição destas areias, poder-nos-á de futuro ajudar a esclarecer em que condições foi a oficina abandonada ou soterrada, além dos dados para uma definitiva datação da jazida.

(1) TEXIER (J.) — *Les industries lithiques d'Ain Fritissa*, cit., pág. 142.

(2) CLARK (J. D.) — *The distribution of prehistoric culture in Angola*, pág. 28, Publicações Culturais da Companhia dos Diamantes de Angola, n.º 73, Lisboa, 1966, 102 págs., 5 est. e 17 figs.

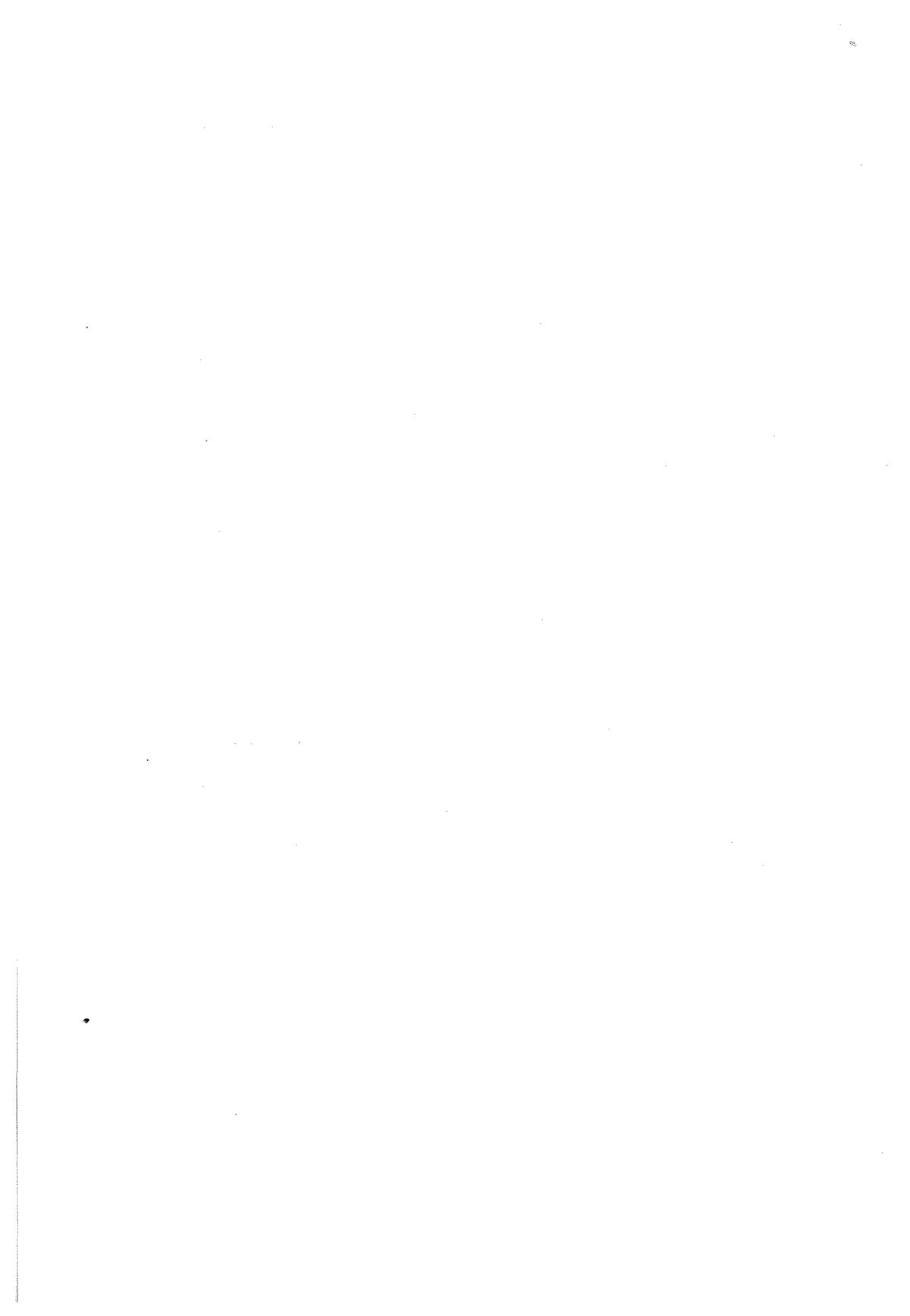
O estudo aprofundado das formações quaternárias do litoral angolano e a prospecção concomitante das estações arqueológicas que encerram, é trabalho que se pode considerar em fase inicial. A génese e classificação dos terraços marinhos permanece ainda muito no campo das hipóteses, e as recolhas arqueológicas são fragmentárias, por vezes de difícil classificação e correlação, por falta de precisão nos dados estratigráficos.

Parece-nos, pois, que no estado actual dos conhecimentos, será ousado pretender datar com todo o rigor a estação paleolítica da Baía Farta que foi objecto do nosso estudo. HENRIETTE ALIMEN (1), ao longo da sua obra sobre a pré-história de África, demonstra que existe um paralelismo entre as variações climáticas das diversas regiões africanas e estabelece um quadro de correlação das suas indústrias pré-históricas. Apoiando-nos nesse quadro de correlação, atribuímos provisoriamente à nossa estação paleolítica uma idade correspondente ao final do longo pluvial *Kamasiano* da costa ocidental.

Cronologia certa ou errada?

Só se poderá saber num futuro que esperamos seja próximo, com o desenvolvimento dos trabalhos geológicos e arqueológicos, e através da aplicação das novas técnicas de cronologia absoluta que a ciência vem pondo ao serviço dos investigadores.

(1) ALIMEN (H.) — *Préhistoire de l'Afrique*, pág. 480, 1955, Paris, 578 págs., 155 figs., 5 quadros e 28 estampas.



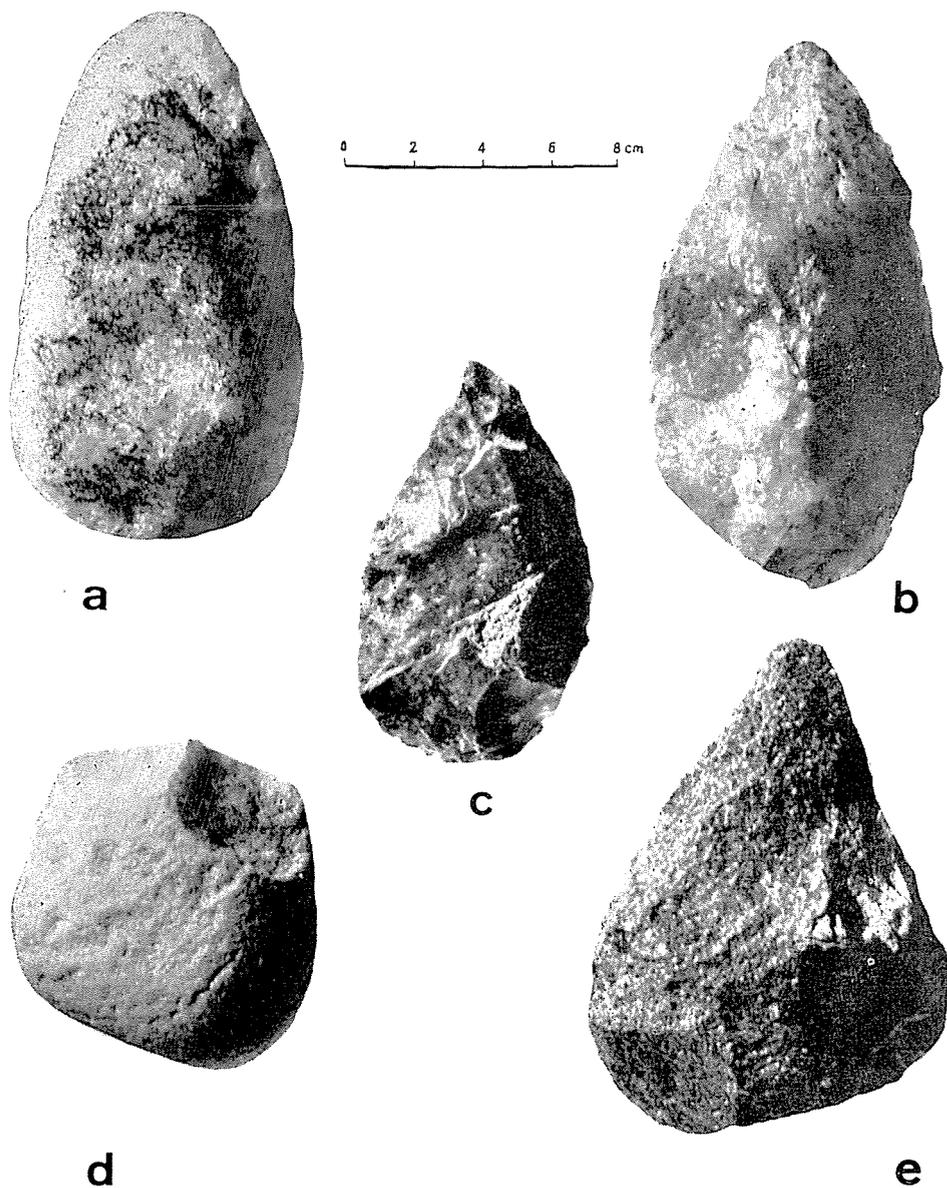


Fig. 4 — Utensílios paleolíticos da Baía Farta, vistos por uma das faces a que podemos chamar anverso.

Bifaces: *a, b, c, e*. Chopping-tool: *d*.

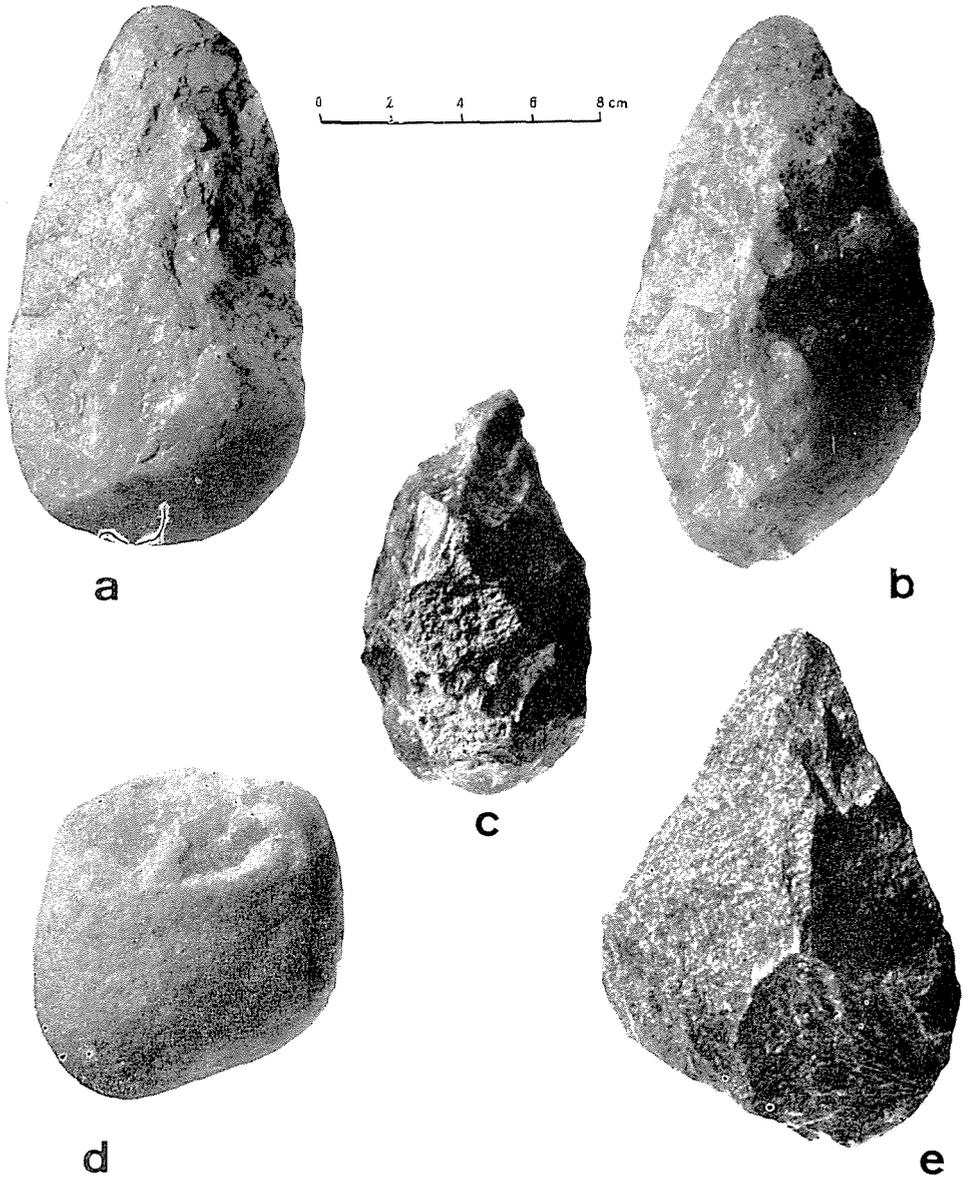


Fig. 5 — Os mesmos utensílios da fig. anterior, vistos agora pela outra face, a que poderemos chamar o reverso.

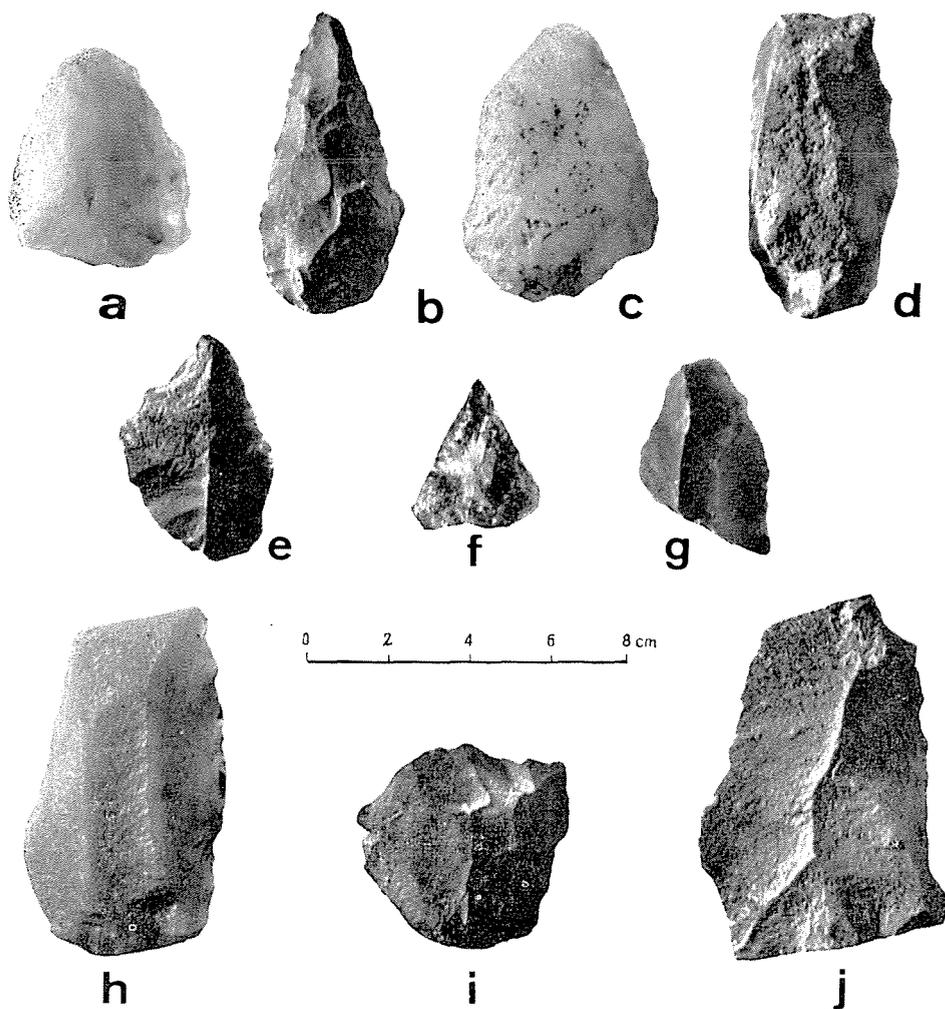


Fig. 6 — Utensílios paleolíticos da Baía Farta, vistos por uma das faces.

Bifaces: *b* e *c*. Raspadores: *a*, *e*, *g*, *h*, *i*, *j*. Ponta: *f*. Lâmina: *d*.

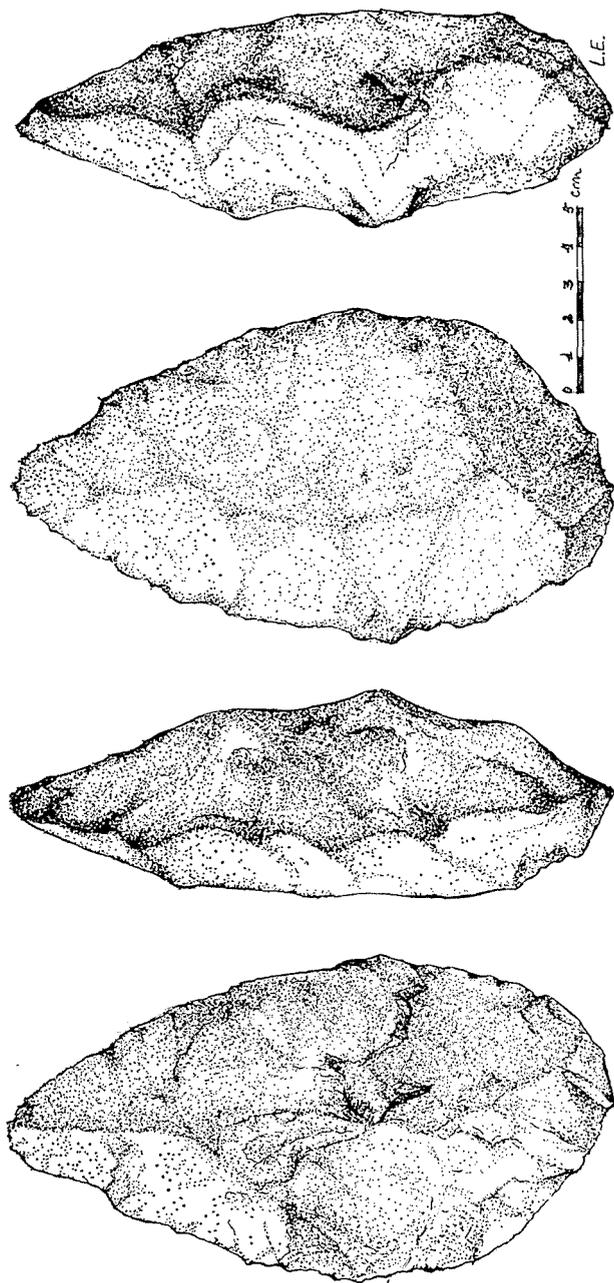


Fig. 7 — Biface das figs. 4 e 5, b, desenhado em quatro posições, rodando sobre a direita.

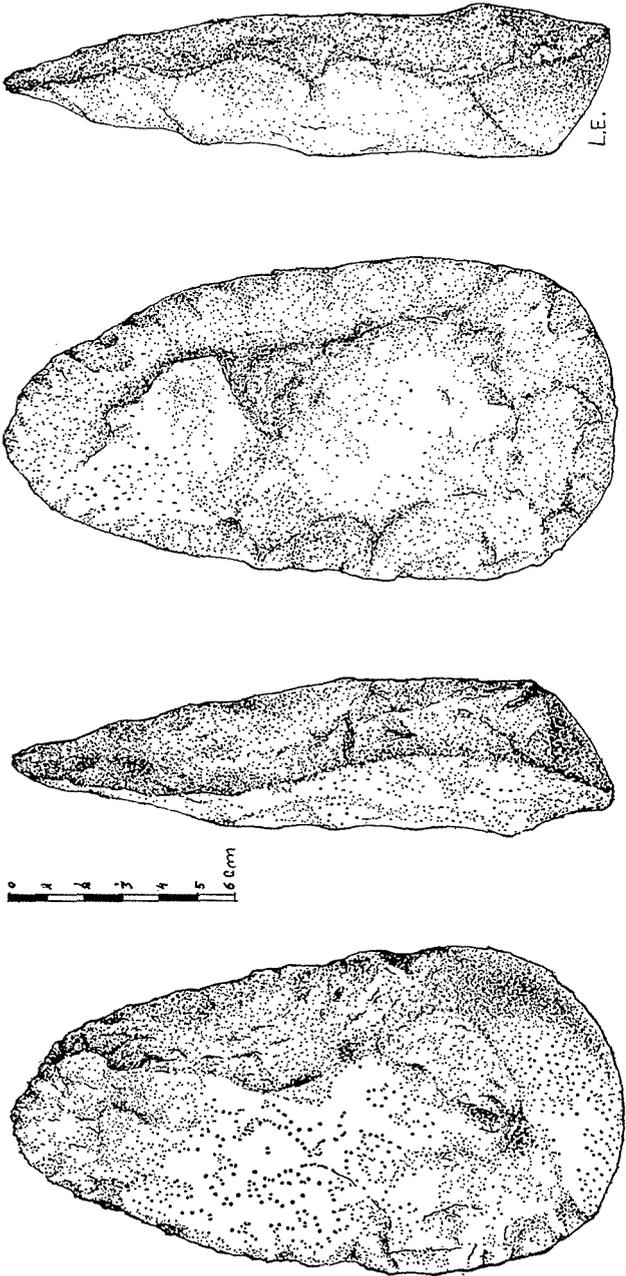


Fig. 8 — Biface das figs. 4 e 5, α , desenhado em quatro posições, rodando sobre a direita.

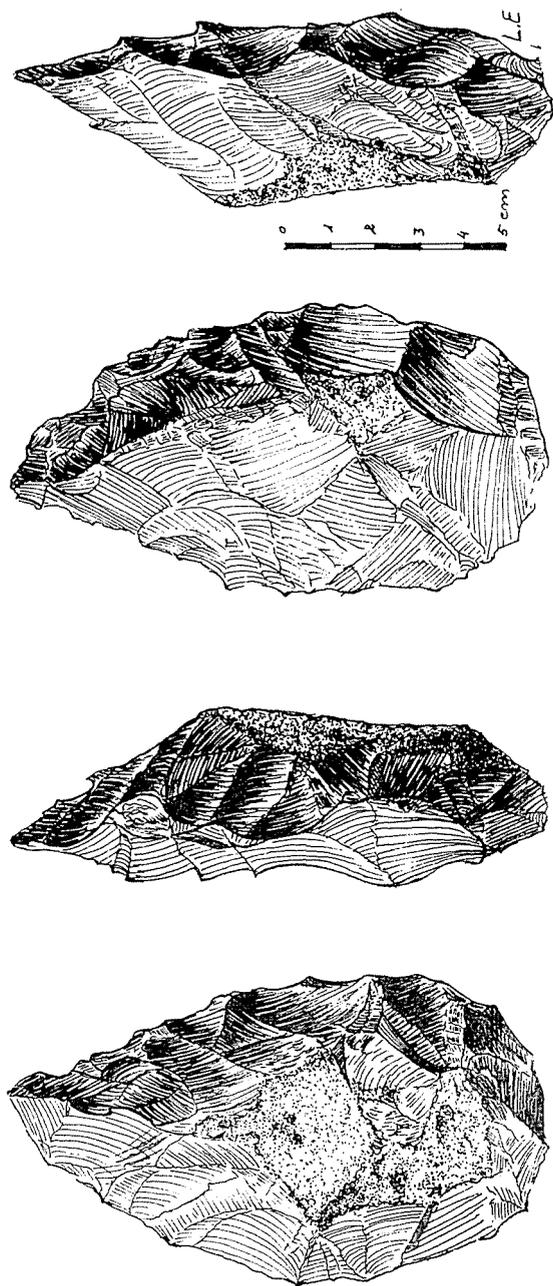


Fig. 9 — Biface das figs. 4 e 5, c, desenhado em quatro posições, rodando sobre a direita.

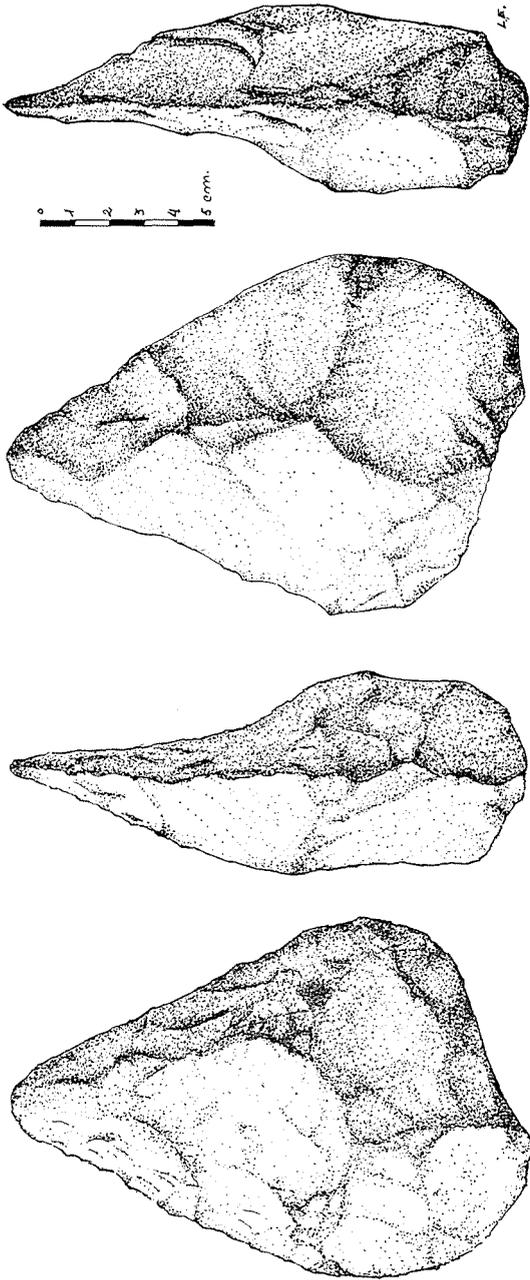


Fig. 10 — Biface das figs. 4 e 5, *e*, desenhado em quatro posições, rodando sobre a direita.

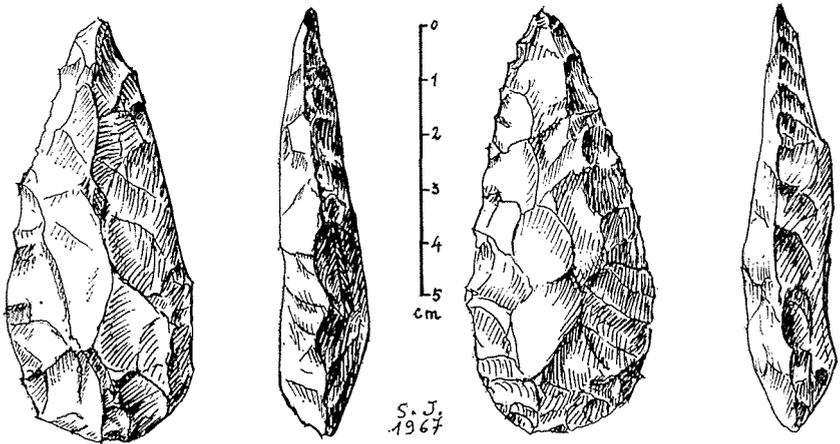


Fig. 11 — Biface da fig. 6, *b*, desenhado em quatro posições, rodando sobre a direita.